

Maretórios: as comunidades pesqueiras no Nordeste do Pará

Maretórios: las comunidades de pesca en el Noreste de Pará

Tide-places: fisherman communities at Northeastern Pará

Fotografias: Cícero Pedrosa Neto¹

Texto: Cícero Pedrosa Neto e Fábio Ozias Zuker²

Maretórios: as comunidades pesqueiras no Nordeste do Pará³

“Fala-se na Amazônia como se fosse só uma floresta de terra firme”, diz Célia Regina Nunes das Neves. Ela é pescadora, marisqueira, líder comunitária e uma importante articuladora nacional na defesa das práticas tradicionais das comunidades pesqueiras. Célia é moradora da comunidade Umarizal, situada na Reserva Extrativista (Resex) Marítima Mãe Grande Curuçá, um território multiétnico e biodiverso junto ao oceano Atlântico, localizado no nordeste paraense, no município de Curuçá.

Uma Amazônia marítima cuja paisagem, entre florestas de manguezais, chamados por Célia de mangal, igarapés e praias de água salgada, não é exatamente a imagem que se tem em mente quando falamos em Amazônia - embora seja um território também sob ataque, por conta da pesca industrial, da extração ilegal de madeira e do avanço do agronegócio.

Este não reconhecimento das Resex Marítimas do Nordeste do Pará como Amazônia contribui para um processo de invisibilização destas comunidades, de suas práticas tradicionais e de reivindicação por territórios. Ou melhor, “maretórios”, como formula Célia, já que são os mares

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará e Mestre em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA).

² Pós-doutorando no Department of Anthropology e Brazil Lab da Princeton University (EUA) e doutor em Antropologia Social pela Faculdade de Letras Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Brazil-Lab).

³ Alguns dos trechos deste texto e algumas das fotografias foram publicadas na reportagem “Gurijuba, não vi mais”: falta de peixe afeta alimentação de comunidades amazônicas, Agência Pública: São Paulo, 24/08/2022. Link: <https://apublica.org/2022/08/gurijuba-nao-vi-mais-falta-de-peixe-afeta-alimentacao-de-comunidades-amazonicas/>

que, junto com a terra firme, matas, cursos d'água doce, compõem o arranjo complexo, as singularidades destes territórios, corporalidades e subjetividades.

“Maretório” é, para ela, “a autenticidade das nossas vivências (...) o acontecimento do dia-a-dia no território, a conjuntura produtiva de uma diversidade de proteínas. É dessa produção que a gente organiza a nossa economia, organiza o nosso consumo sustentável, a moradia”. Nas palavras da líder, trata-se de “convivência, dos nossos diálogos sobre a importância desses espaços, desses ambientes onde nós nascemos, onde nós vamos conservando toda a nossa historicidade de vida, toda a universalidade das nossas vidas, dos saberes, dos fazeres”. E emenda: “é no ‘maretório’ que nós vamos buscar o ápice da nossa produção. E toda a nossa produção está naquilo que nós compreendemos como a nossa força legítima de vida que é a soberania alimentar. Sem alimento a gente não vive, a gente morre, a fome mata”.

É justamente a complexidade territorial dos “maretórios”, seus múltiplos símbolos e modos de vida por eles congregados que se encontram sob ataques no estuário amazônico localizado no nordeste do Pará. E que este ensaio visual, ao trazer fotografias da Resex Marinha Caeté-Taperaçu, em Bragança, nordeste paraense, local que concentra a maior faixa contínua de manguezais do planeta, trata aqui de apresentar.

Cícero Pedrosa Neto e Fábio Zuker



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



Maretórios

As comunidades pesqueiras no Nordeste do Pará

01 - Com a escassez de peixes por conta da pesca industrial, as famílias da Resex recorrem aos manguezais para garantir o sustento. Em muitos casos, é o caranguejo e o siri que garantem a segurança alimentar



02

A pesca do caranguejo é uma tarefa majoritariamente masculina. As mulheres acompanham os filhos, maridos, irmãos e sobrinhos para dar suporte com água.



03

A atividade é comumente realizada de forma coletiva para garantir a segurança dos pescadores, dado os riscos de soterramento e o de se perderem nas florestas de mangue.



04

A atividade é comumente realizada de forma coletiva para garantir a segurança dos pescadores, dado os riscos de soterramento e o de se perderem nas florestas de mangue.



05

Os pescadores, para se livrarem do ataque de mosquitos, usam cigarros de tabaco. A fumaça ajuda a dispersar os insetos e é um componente fundamental da pesca.



06

Vista aérea da Resex Caeté-Taperaçu



07



08

Pescadores artesanais da Resex despescando o “curral”, cercamento que serve de armadilhas para os peixes.



09

Valdemir Pinheiro de Brito, 59 anos, conhecido por “Rinhento”, conta os desafios dos pescadores artesanais da resex Caeté-Taperaçu, já que a maioria dos peixes são interceptados em alto mar, locais que suas embarcações de pequeno porte não alcançam.



Vila dos Pescadores, Resex Caeté-Taperaçu, Bragança, Pará. Contraste entre as embarcações dos pescadores artesanais e das empresas que promovem a pesca industrial.

